

Discurso do Presidente do TCE-PE Adalberto Farias, proferido na entrega da medalha Nilo Coelho, em 25/10/2001

Excelentíssimos senhores componentes da mesa; autoridades presentes; minhas senhoras e meus senhores, servidores desta casa.

Mais uma vez, como fazemos anualmente, estamos aqui reunidos para esta sessão em que o Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco homenageia importantes personalidades, manifestando reconhecimento àqueles que se destacaram por relevantes serviços prestados à causa pública, ou possuem notórios conhecimentos em Direito, Administração Pública, Contabilidade e Economia.

Como todos os anos, e de acordo com a resolução que rege a matéria, realiza-se a presente sessão solene para a entrega da mais alta condecoração desta Corte de Contas, que foi criada por inspiração do Conselheiro Orlando Morais, sendo também o responsável pela justa escolha do nome do Governador Nilo Coelho, fundador deste Tribunal. A entrega desta comenda tem especial significado para todos que fazemos esta casa, notadamente porque comemoramos nesta data o aniversário de sua fundação, motivando a dedicação de um sessão extraordinária para homenagear aqueles que anualmente são reconhecidos com especial distinção.

O Tribunal de Contas, reflexo do texto constitucional de 1988 que em muito reforçou as atribuições, teve acrescidas as suas competências em escala vertiginosa na última década e, especialmente, neste princípio do século mudanças se impõem face ao amplo processo transformação por que passa a sociedade brasileira e, via de consequência, o ordenamento jurídico. Vivemos a época do Estado reformado, que tem a busca pela eficiência de gestão como um fim a ser atingido inexoravelmente.

As reformas por que passa o setor público no Brasil surgiram a partir da necessidade imperativa do Estado se organizar de forma racional e eficiente para, assim, atender às crescentes demandas sociais por saúde, segurança e educação.

Desse modo, as exigências e necessidades da sociedade condicionam a estrutura estatal que se pretende construir e do qual o Tribunal de Contas é um elemento indispensável, sendo que um dos sustentáculos desse novo modelo é o controle da qualidade do gasto público.

Nesse contexto, o papel dos Tribunais de Contas tomou elevado impulso, tendo que aperfeiçoar seus

mecanismos de controle para responder aos reclamos de uma população mais e mais vigilante, exigindo de suas equipes técnicas e Conselhos julgadores uma crítica que emerge com grande velocidade em momentos de crise.

Novos institutos e conceitos têm sido incorporados ao cotidiano da atividade pública e esta Casa tem procurado estar atenta a esses movimentos. Antigos dogmas, até então intocáveis, ruíram. Vindo a confirmar a assertiva de Karl Marx de que “tudo que é sólido desmancha no ar”. Nesse contexto, questiona-se não só o funcionamento, mas até mesmo a razão de existir de algumas instituições.

Os Tribunais de Contas não estão imunes a esse processo de transformação. Devemos, com humildade, auscultar as críticas e anseios da sociedade por um órgão de controle que prime pela eficiência e eficácia, ainda que ocasionalmente tenhamos que enfrentar resistências, que, ressalte-se, são naturais em qualquer processo de transformação.

O querer da coletividade deve pautar o agir dos homens públicos.

Estamos convictos de que duas grandes tarefas deverão ser levadas a efeito neste princípio de século, em relação ao Tribunal de Contas: aproximá-lo da sociedade, tornando-o instrumento de cidadania, e, em que pese as dificuldades próprias da crise institucional por que passa o Estado brasileiro, devemos imprimir eficácia às ações.

Este ano, tendo em vista os recentes acontecimentos internacionais que nos afligem e preocupam a todos nós, esta solenidade tem um caráter não apenas de reconhecimento aos homenageados, pois queremos com ela simbolizar a necessidade de reconhecermos as virtudes dos seres humanos em detrimento de eventuais defeitos, privilegiar a convivência harmônica respeitando as diferenças ideológicas, políticas, econômicas, raciais, de credo, etc. para que possamos construir um mundo melhor e vivermos em paz.

Deixo, para finalizar, a palavra de Cristo, em João, capítulo 14, versículo 27: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize.

Muito obrigado.